O Rei tinha uma lista enorme dos que seriam executados, e a Rainha riscava quase todos à medida que passavam.

– Alice no País das Maravilhas, Capítulo VIII

Um século depois e ainda
sou a merda de um peão.

E quase fui arremessada
pra fora do tabuleiro.

Vim para esse salão porque ele
está sempre vazio. Hoje, eu
precisava de vazio.

Mas vazio também ecoa. E o que
ecoa aqui é sempre a mesma noite.

Não é o mesmo lugar. Não foi aqui
que eu vi pela primeira alguém ser
apagado só por ousar sentir algo.

Pois é, eu, burra, insistindo que deixei aquela noite lá atrás. Mas ela sempre volta. Inteira.

Aquela noite voltei pra casa achando que tinha sobrevivido ao pior. Mas não tinha.

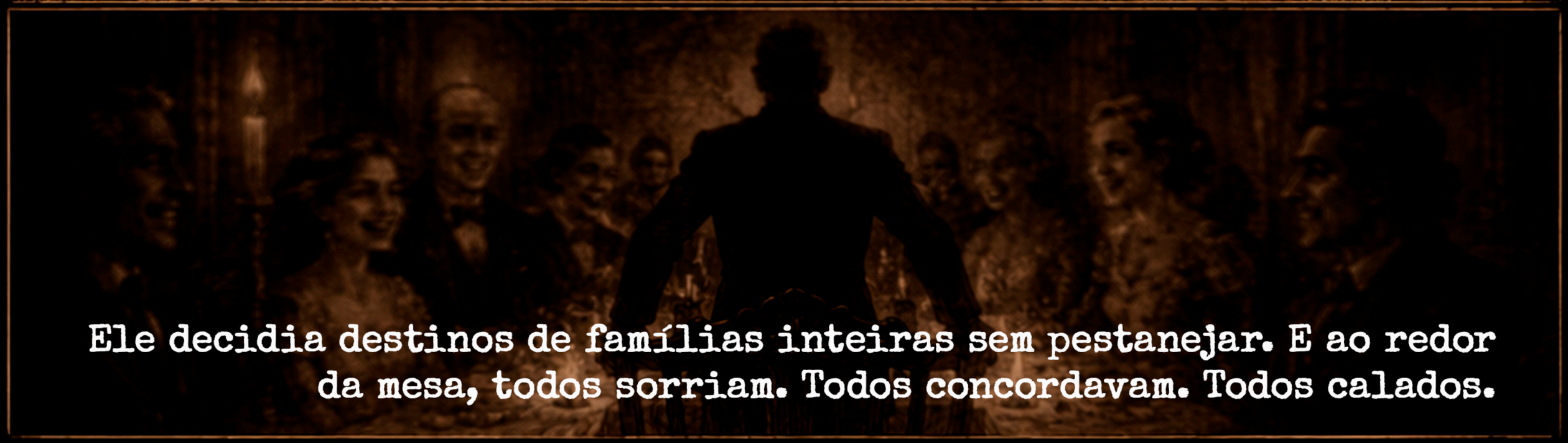
A noite ainda tinha mais uma surpresa guardada...

Voltei pro quarto.
Onde, supostamente, nada
poderia me alcançar.

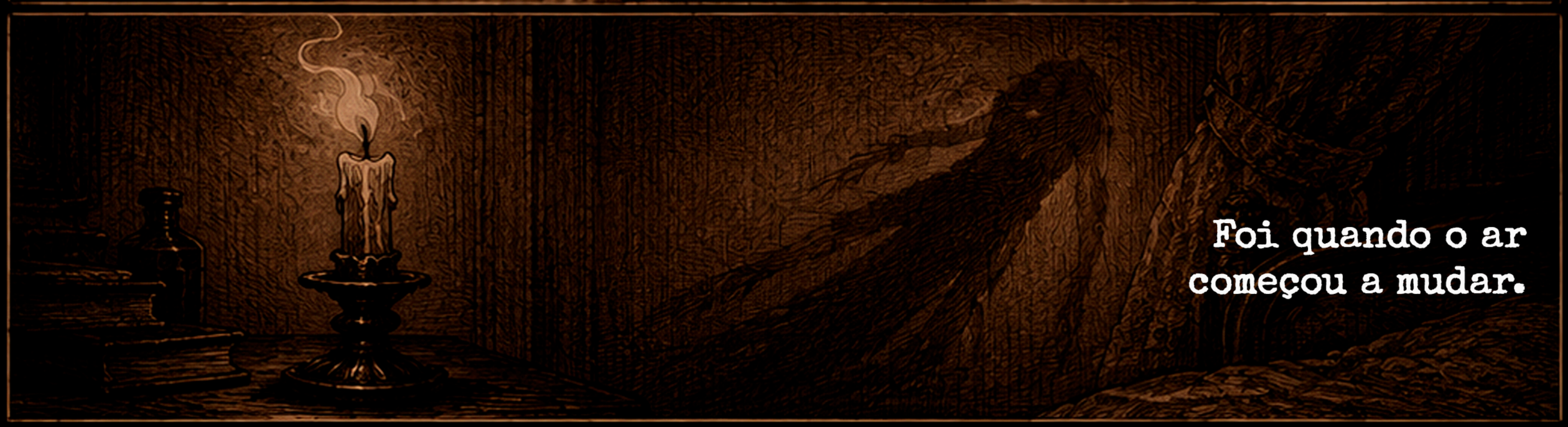
Achei que bastava
fechar a porta.

Eu já havia visto tudo
aquilo antes. No salão
de nossa casa, onde o ar
pesava com o cheiro de
madeira encerada e café
amargo.

Meu avô, sentado à
cabeceira da mesa,
mãos firmes sobre os
braços da cadeira,
como um rei em seu
trono.



Ele decidia destinos de famílias inteiras sem pestanejar. E ao redor
da mesa, todos sorriam. Todos concordavam. Todos calados.



Foi quando o ar
começou a mudar.

Uma sensação de estranheza,
e o cheiro....

Primeiro, terra molhada. Não a que renasce. A que apodrece.

Depois, o café. Não o da xícara. Era o cheiro da torra crua, nos fornos da fazenda. Grãos soltando fumaça amarga.

Madeira queimada. Brasa velha, apagada há dias, mas que ainda mora nas cortinas.

Por último, fumaça de cigarrilha Dannemann. Era o cheiro dele.

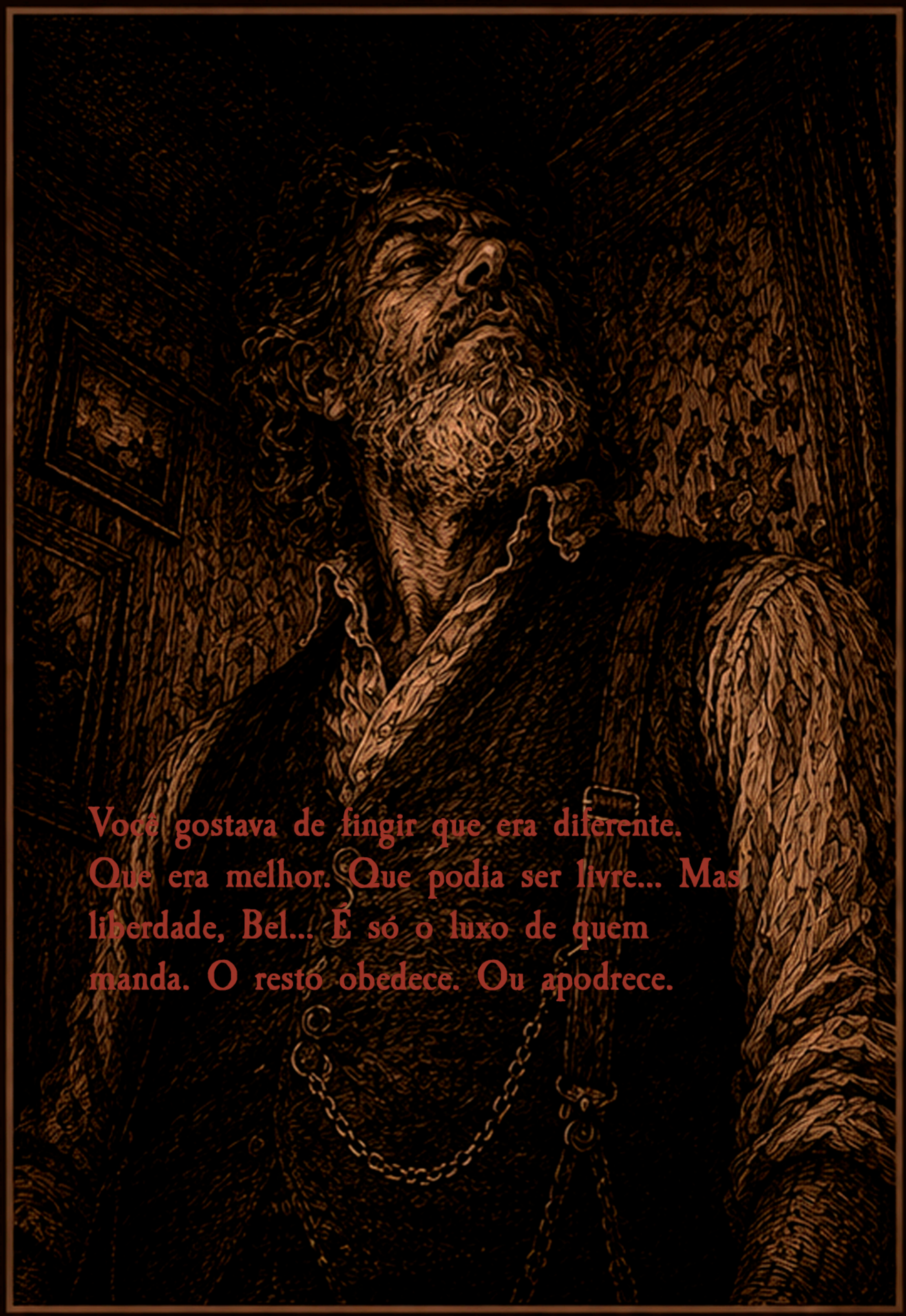
Eu via os contornos primeiro. Como se a escuridão não conseguisse decidir onde ele terminava e o quarto começava.

Foi bonito, não foi?

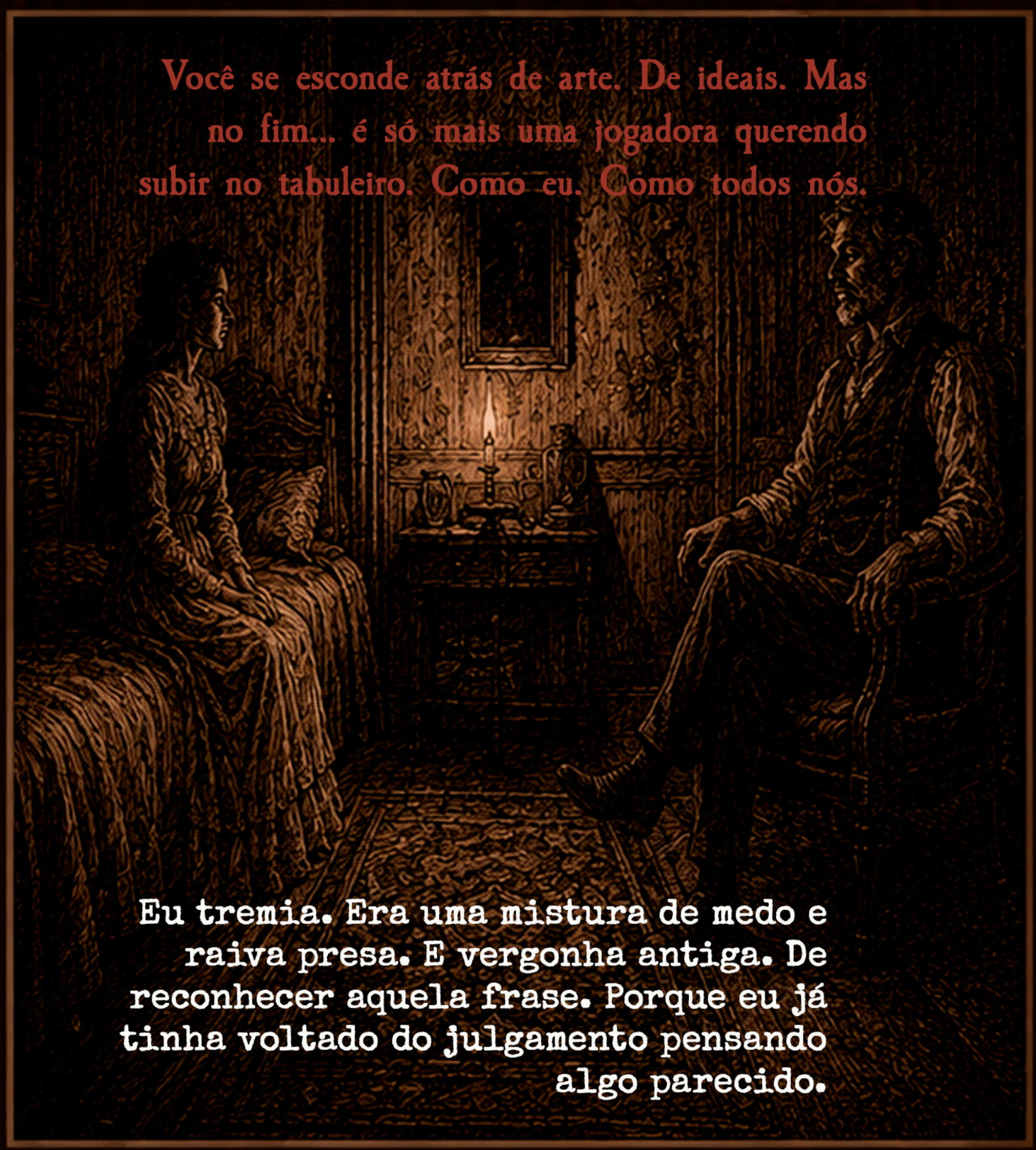
A voz era a mesma. Grave. Impassível. Irritantemente serena. E as palavras emperraram. Como sempre faziam diante dele.

E ao redor dele, uma podridão lenta se espalhando — como a de uma casa que foi consumida pelas chamas.

Dizem que os mortos ensinam aos vivos... Mas veja só. Eles só copiam e repetem o que nós já fazíamos.



Você gostava de fingir que era diferente. Que era melhor. Que podia ser livre... Mas liberdade, Bel... É só o luxo de quem manda. O resto obedece. Ou apodrece.



Você se esconde atrás de arte. De ideais. Mas no fim... é só mais uma jogadora querendo subir no tabuleiro. Como eu. Como todos nós.

Eu tremia. Era uma mistura de medo e raiva presa. E vergonha antiga. De reconhecer aquela frase. Porque eu já tinha voltado do julgamento pensando algo parecido.

E não adianta correr. Porque qualquer peão pode virar uma rainha. Mas seu lado do tabuleiro tem só um Rei. Cada peão carrega apenas o nome da casa que o criou.

Nada a dizer?
Como sempre.

Eu ia responder.
Eu queria responder...

Quem eu queria enganar?
Naquela época eu ainda não
conseguiria responder ao
meu avô. Eu não tinha essa
coragem toda.